



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia alusiva à visita às novas unidades de produção da Refap**

Canoas-RS, 28 de julho de 2005

Meu caro Germano Rigotto, governador do estado do Rio Grande do Sul,

Meu caro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,

Meu caro Alfredo do Nascimento, ministro dos Transportes,

Meu caro Tarso Genro, ministro da Educação,

Meus caros deputados federais, não sei se estão todos aqui, Paulo Pimenta, Maria do Rosário, Marco Maia, Henrique Fontana, Adão Pretto. Se tiver mais parlamentares, meus cumprimentos,

Meu caro Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro Jurandir Marques Maciel, prefeito em exercício de Canoas,

Meu caro Fogaça, eu não sabia que tinha José Fogaça, eu achava que era só Fogaça, prefeito de Porto Alegre,

Meu caro Hildo Francisco Henz, diretor-presidente da Refap,

Meu caro João Carlos de Luca, presidente da Repsol,

Meu caro José Luiz Gomes, companheiro presidente do Sindicato dos Petroleiros do Rio Grande do Sul,

Meu caro Quintino Severo, presidente estadual da CUT,

Meus companheiros funcionários da Petrobras,

Meus caros companheiros das empresas prestadoras de serviços da Petrobras,

Minhas caras companheiras,

O difícil, prefeitos que estão presentes aqui, secretários de estado, secretários municipais, de trazer um discurso por escrito, quando você tem



antes de você, as pessoas da Petrobras falando, é que os meus números já se esgotaram, porque eles já falaram todos os números. Mas não é preciso nem ler um discurso. De vez em quando falar com o coração, falar com a consciência, é melhor do que ler um discurso.

Eu queria aproveitar para dizer aos companheiros da Petrobras, do presidente, José Sérgio Gabrielli, ao mais humilde dos funcionários que trabalham nesta casa, que eu tenho vários motivos para ter orgulho do que nós fizemos na Petrobrás nesses 30 meses que estamos no governo.

Possivelmente, José Sérgio Gabrielli, o discurso do nosso companheiro José Eduardo Dutra, na despedida dele, devesse ser distribuído a todos os funcionários da Petrobras, porque, no Brasil, de vez em quando se estabelece paradigmas negativos contra determinadas pessoas e depois, os que estabeleceram paradigmas, quando erram, não têm humildade para pedir desculpas pelo erro que cometeram.

Quando essa extraordinária empresa, a Petrobras, foi pensada, não faltaram, neste país, editoriais dizendo que a construção da Petrobras era mais uma megalomania dos políticos brasileiros, do governo brasileiro; era mais uma empresa de cabide de empregos, porque o Brasil não tinha que se meter a fundar uma empresa como a Petrobras. Aquelas pessoas azedas, aquelas que estão sempre torcendo para acontecer uma desgraça para terem razão, aqueles que passam 24 horas por dia acreditando que as coisas não têm que dar certo, não podem dar certo, porque senão alguém vai ganhar politicamente com isso. E eu acho que a melhor resposta não é um discurso, é a própria dimensão desta que é uma das mais extraordinárias empresas do mundo, que é a nossa Petrobras. Ela é a resposta.

O grau de inteligência acumulada na Petrobras, o grau de conhecimento da sua engenharia, dos seus técnicos, a capacidade de disputar com qualquer outra empresa do mundo, em qualquer lugar do mundo, fazer prospecção em águas profundas com mais de 4, 5 mil metros de lâmina de água e, depois,



mais 4, 5 ou 8 para debaixo da terra, fez da Petrobras um centro, não de funcionários, mas fez da Petrobras um centro de excelência, motivo de orgulho para todos nós, e eu, com este blusão que ganhei de presente, faço parte desse grupo de excelência da Petrobras.

É importante lembrar que, nesses 30 meses e pouco de governo, trinta meses e alguns dias, o nosso companheiro José Eduardo Dutra, também ligado ao setor petroquímico, que deixou a Petrobras porque quer ser candidato ao Senado no próximo ano, anistiou aproximadamente 600 trabalhadores da Petrobras que tinham sido mandados embora ou perseguidos desde 1990, companheiros que tinham sido perseguidos porque tinham feito greve.

Esses companheiros, segundo o José Eduardo Dutra – já dá mais de 600 companheiros – foram readmitidos e, se Deus quiser, no nosso governo, nós vamos tentar readmitir mais companheiros que foram perseguidos, porque é impensável alguém ser perseguido porque fez uma greve para reivindicar melhores condições de salário. Esse é um motivo de orgulho.

Outro motivo de orgulho, governador Rigotto, foi o que nós passamos na campanha de 2002. Eu fui ao Rio de Janeiro e levantei a tese de que nós iríamos construir as plataformas aqui no Brasil. O ex-presidente da Petrobras, na época, chegou a fazer matéria paga em alguns jornais brasileiros dizendo que aquilo era demagogia, que o Brasil não tinha condições de construir plataformas aqui.

Fui aos trabalhadores da indústria naval do Rio de Janeiro, fui aos empresários da indústria naval do Rio de Janeiro, fui aos engenheiros da Petrobras e abrimos uma discussão. O companheiro Pingueli Rosa teve um papel muito importante nessa disputa. E ficamos naquela disputa eleitoral, “pode ou não pode”, e a Petrobras dizia, pela sua direção naquela época, que ficava mais barato encomendar a plataforma na Noruega, que tinha mais condições de fazer. Pois bem. O dado concreto é que não apenas ficou



provado que a gente tinha competência para fazer as plataformas aqui, como estamos fazendo.

Ficou provado mais: a Nuclep era uma empresa que estava praticamente fechada. No governo passado, houve quem tentasse vender a Nuclep para a Souza Cruz, para produzir cigarro. Eu estive recentemente na Nuclep e é uma empresa que já estava criando mato dentro porque não tinha trabalhadores. Hoje, já está aproximadamente com 1.600 trabalhadores. Meninas de 17, 18, 19 anos, meninos aprendendo uma profissão e, se Deus quiser, a Nuclep será parceira do grande desenvolvimento da indústria naval brasileira e do grande desenvolvimento das coisas de que a Petrobras tanto precisa e tanto vai financiar.

Então, a construção das plataformas, aqui, é como se fosse um filho meu que tivesse desaparecido e que eu o tivesse encontrado. Ou seja, por que provar que este país, em se tratando de engenharia, não deve nada a nenhum país do mundo? E quero dizer aqui, governador, discursos que eu ouvi pelo mundo afora, de empresas multinacionais que fazem pesquisas para saber a qualidade dos seus trabalhadores, nos mais diferentes países em que elas se encontram, e o resultado é um só, o trabalhador brasileiro é mais criativo e mais produtivo. E isso vale para quase todas as empresas multinacionais que estão aqui e que têm filiais ou matrizes em outros países.

Portanto, essa empresa agora, com a construção dos estaleiros, com as encomendas dos navios, e vou dizer mais companheiro, nós precisamos recuperar a nossa Marinha Mercante, porque a gente não pode ficar tendo um déficit na balança comercial de quase 8 bilhões por conta do frete. Nós precisamos voltar a ter orgulho de ter navio brasileiro, de bandeira brasileira, transportando para fora e trazendo para cá as coisas que nós precisamos comprar. E aí sim, a indústria naval brasileira vai recuperar o prestígio que ela já teve, porque já foi a segunda do mundo e, por que não dizer, a gente pode até disputar com qualquer país e, quem sabe chegarmos a ser a primeira.



Se não tivermos condições de fazer sozinhos, vamos fazer parcerias com a Argentina, fazer parcerias com a Venezuela, fazer parcerias com os países que têm necessidade, que são obrigados a comprar de fora e poderemos construir, quem sabe, grandes estaleiros para produzir não apenas para as necessidades da Petrobras ou da economia brasileira, mas produzir para o mundo inteiro. Então, este é o motivo do orgulho que eu tenho da Petrobras e tenho do meu governo nesses 30 meses.

Um outro motivo de orgulho, meu caro companheiro da CUT e do Sindicato, é que em 30 meses e poucos dias, nós estamos ensinando algumas pessoas, cheias de preconceito, que nós somos capazes de resolver um dos graves problemas deste país. De 1992 a 2002, a média mensal de empregos criados neste país, com carteira profissional assinada, era de apenas 8 mil e 38 empregos. Eu estou falando de 1992 até 2002. Eu estou falando de 10 anos em que a economia brasileira esteve estagnada e se criava, neste país, apenas 8 mil empregos mensais com carteira profissional assinada. Nesses 30 meses de governo, já criamos 3 milhões, 135 mil empregos de carteira profissional assinada, perfazendo uma média mensal de 104 mil empregos com carteira profissional assinada.

Algum dia, algum economista, quem sabe amigo do José Sérgio Gabrielli, vai escrever um estudo sobre geração de emprego e vai poder dizer que para cada emprego formal que a gente cria, você cria 1,2 empregos informais. Portanto, o número de pessoas que adentraram o mercado de trabalho nesses 30 meses é infinitamente superior a tudo que entrou no mercado de trabalho de 1992 a 2002. E isso só pôde acontecer porque a economia brasileira está se recuperando, não com a rapidez que todos nós queremos, eu digo sempre: quando a minha mulher ficou grávida, eu não tinha paciência para esperar nove meses para o meu filho nascer, se pudesse ele nasceria no em que ela falou que estava grávida, mas aí não seria um nascimento, seria um aborto e eu perderia a minha criança.



A economia brasileira, nós tivemos que tratá-la com o cuidado que precisa ser tratada, sem a pressa e o ufanismo com que, muitas vezes, alguém quer que a gente trate, porque nós somos, ainda, uma economia muito vulnerável, temos ainda problemas sérios e não podemos brincar nessa parte, para que a gente não tenha um retrocesso, porque um retrocesso leva anos e anos para a gente recuperar. Não se recupera num dia, leva-se anos e, às vezes, não se recupera.

É por isso que nós tivemos a década perdida, que foi a década de 90. Depois nós tivemos a década de 80 a 90, em que também não foi feita muita coisa neste país. Por quê? Porque o Brasil ficou sempre apostando que iria aparecer um mágico e que iríamos tirar um economista do bolso, da cartola, não sei de que, ou da cartola não sei de onde, e aquele economista iria fazer um plano que salvaria o país. Todos, historicamente, que tentaram fazer mágica com a economia brasileira quebraram a cara, porque uma coisa é a mágica acadêmica, outra coisa é praticidade do mercado e da sociedade brasileira, que trabalha com muito mais objetividade e com muito mais concretude.

E hoje eu posso dizer para vocês: o que incomoda muita gente neste país é que nós não fizemos nenhuma loucura. O que incomoda alguns adversários é que eles imaginavam que este país iria quebrar no ano de 2003, e, ao invés de quebrar, em 2002 tinham sido investidos na Refap apenas 490 milhões de reais e, já em 2003, por orientação do presidente da Petrobras, nós colocamos, aqui na Refap, 1 bilhão e 109 milhões de reais; em 2004, 998 milhões de reais. É por isso que a gente vai ter o prazer de inaugurar o final dessa obra no final deste ano, porque acreditamos que não dava para ficar como se estivéssemos tomando soro na base do conta-gotas, uma coisinha ali, uma coisinha aqui. Se é para fazer, vamos fazer. É por isso que foi jogado muito dinheiro nos últimos dois anos, que é para a gente acabar, que é para a gente terminar.



Esse acerto do nosso comportamento incomoda algumas pessoas, “afinal de contas, puxa vida, vem esse tal de Lula aí, ele só tem um curso do Senai, e nós passamos tantos anos na faculdade, governamos este país e não conseguimos fazer. Por que ele está fazendo o que nós não conseguimos fazer?” Eu não quero ficar fazendo muita comparação. Eu digo todo dia o seguinte: eu quero que termine o meu mandato para fazer uma comparação entre o que aconteceu no meu governo e o que aconteceu nos outros governos.

Na área da educação, por exemplo, nós estamos construindo três universidades federais novas neste país, nós estamos fazendo 31 extensões de universidades federais que, normalmente, estão nas capitais ou nas cidades-pólos, para o interior deste país. Até Garanhuns, minha terra natal, ganhou uma extensão da Universidade Rural de Recife.

Ontem, nós fomos a Bagé anunciar uma extensão para várias cidades da região, é por isso que fizemos uma festa maravilhosa ontem, lá.

Estamos levando extensão da Federal de Minas Gerais para o Vale do Mucuri, para Teófilo Otoni, que é uma das regiões mais pobres deste país, onde jamais algum cristão pensou que iria ter uma extensão da Universidade. E vai ter, porque a universidade brasileira é para que todos tenham oportunidade de estudar e não apenas para uma parcela pequena da sociedade brasileira.

Da mesma forma, já decidimos construir mais 32 escolas técnicas neste país. Pelo menos uma em cada região. E mandamos para o Congresso Nacional uma mudança constitucional criando o Fundeb, que vai ser a grande revolução na educação brasileira, que vai incorporar, a partir de 2008, mais 4 bilhões e 300 milhões no Ministério da Educação, por ano, a partir de 2008. E o Fundeb é a possibilidade que nós temos de fazer com que o Norte e o Nordeste brasileiro tenham a oportunidade de se igualar ao chamado Centro-Sul brasileiro porque nós, com o Fundeb, vamos garantir que o Nordeste



brasileiro possa melhorar substancialmente a qualidade da educação oferecida ao povo brasileiro e garantir que as crianças brasileiras, ao terminarem o ensino fundamental, tenham oportunidade de fazer o 2º grau ou fazer um curso técnico, e tenham oportunidade de chegar à universidade.

Por isso, o companheiro Tarso Genro está deixando o Ministério amanhã e vai assumir no lugar dele um companheiro que eu nem trouxe aqui, que é o nosso companheiro Fernando Haddad, que já trabalha com o companheiro Tarso. Construíram juntos essa revolução na educação brasileira e, certamente, nós vamos colher os resultados. Nós não, o povo brasileiro vai colher os resultados disso como colheu o resultado do ProUni.

Quando nós anunciamos o ProUni, no ano passado, diziam para nós: “é uma loucura, isso não dá certo. Como é que vocês vão inventar isso, esse Tarso nem educador é, esse Fernando Haddad não é nem educador, eles são advogado e economista. Nunca.” Pois bem, o ProUni no primeiro ano conseguiu 112 mil novos universitários estudando neste país. Normalmente, crianças da escola pública brasileira e, normalmente, crianças da periferia deste país. Era impossível e foi criado. E qual foi a mágica? Nós fizemos isenções de alguns impostos para as universidades particulares e, em troca dessa isenção, elas nos deram o equivalente à isenção, com vagas para as nossas crianças. Se Deus quiser chegaremos, dentro de quatro anos, com 320 mil novas vagas nas Federais novas e nas extensões que estamos fazendo, e com 400 mil vagas no ProUni, ou seja, nós estaremos criando aproximadamente 760 mil novas vagas nas universidades brasileiras, além das 124 que tradicionalmente existem no país.

E, isso, não precisa ter diploma universitário para saber. O que eu sei é que nenhum país do mundo foi para a frente sem antes ter acreditado na formação da sua gente, sem antes ter investido na educação, sem antes ter investido na formação profissional, na qualificação da sua mão-de-obra, para que a gente seja cada vez mais competitivo, e para que sejamos cada vez mais



respeitados.

É este país, acompanhado de políticas sociais fortes, que algumas pessoas não querem. Já houve gente no Brasil que afirmou: nós não temos que pensar em governar o Brasil para 180 milhões de brasileiros, nós temos que governar para os 35 ou 40 milhões que estão no mercado. Ora, meu Deus do céu, um governo tem que governar exatamente para aqueles que não estão no mercado porque, para aqueles que já estão no mercado, o mercado resolve, mas para aqueles que estão marginalizados é que o Estado tem que se colocar à disposição deles.

É por isso que nós saímos de 2 bilhões de contratos no Pronaf de 2002/2003, para 6 bilhões e 100 milhões na safra 2004/2005. E estamos pulando para 9 bilhões de reais na safra 2005/2006. É por isso que o Bolsa Família chegará, em dezembro deste ano, a 8 milhões e 700 mil famílias, com 7 bilhões. É por isso que nós saímos dos benefícios pagos com o salário mínimo, de 98 bilhões para 165 bilhões, em 30 meses. É por isso que nós criamos o crédito consignado que, só no ano passado, colocou no mercado 16 bilhões e meio de reais para que as pessoas possam tomar dinheiro emprestado a juros mais baratos, possam comprar sem os juros das lojas e possam comprar até à vista sem precisar ser achacados por agiotas, como normalmente o povo trabalhador é, quando precisa de um empréstimo bancário.

Essas coisas não estavam nos manuais, essas coisas estavam mais no coração do que nos manuais. E eu me lembro que, um dia, no Acre, eu falei: não é possível um governante governar apenas com a sua consciência, um país como o Brasil, com as dificuldades do Brasil, nós temos que governar com a nossa sabedoria, mas temos que governar com a nossa sensibilidade, e a sensibilidade nossa, ela vem daqui. A gente, cada vez que tiver que discutir um dinheiro, em que a gente normalmente utiliza a palavra gasto, nós temos que discutir se aquilo é gasto ou investimento, porque política social não é gasto, é



investimento, porque política educacional não é gasto, é investimento.

Então, meus companheiros, quero dizer à Direção da Petrobras, ao povo da Petrobras, que houve um tempo em que falavam que o Brasil só tinha para mostrar ao mundo carnaval e futebol. Agora a gente continua tendo carnaval, futebol cada vez melhor, e a gente agora tem a Petrobras. Tem um outro quesito para a gente mostrar lá fora. E as conversas que eu tinha com o presidente da Petrobras era o seguinte, José Eduardo: você pare de pensar como uma corporação da Petrobras, nós não podemos ter a Petrobras como se fosse a luxúria do país e o país pobre. É preciso que a Petrobras seja o símbolo deste país e que a gente trabalhe para que a sociedade brasileira possa sentir, na Petrobras, uma ramificação que vai contribuir para melhorar a vida do povo brasileiro.

Daí essa quantidade de investimentos, não é apenas aqui não. Sábado passado eu fui na Reduc, é mais 1 bilhão de investimentos na Reduc. Na Replan, são mais 700 e poucos milhões. É gasoduto, é ligando Quari/Manaus, que é uma reivindicação histórica; é ligando Campinas ao Rio de Janeiro; é o Gasene, ligando o Nordeste brasileiro ao Centro-Sul do país, porque neste país houve um tempo em que se fez termoelétrica e se esqueceu que se precisava de gás. Agora nós temos que correr e levar o gás porque, podem ficar certos, não haverá mais “apagão” neste país, poderá haver a queda de uma rede, aí tem acidentes que podem acontecer, mas “apagão”, por incompetência governamental de não fazer, porque tudo isso é investimento de longo prazo – a gente não pensa uma hidrelétrica hoje e a constrói hoje, a gente pensa hoje para que dê resultado daqui a 10 anos.

É por isso que eu digo sempre que a mediocridade de um político é não pensar na Nação, mas só pensar na próxima eleição. Nós temos que ter projetos de longo prazo e é isso que nós estamos tendo.

Por isso, eu quero dizer a todos vocês, a Petrobras já está atingindo a sua auto-suficiência, nós queremos que ela seja uma grande exportadora de



petróleo. Nós introduzimos no Brasil o biodiesel que será uma revolução tão importante quanto o Pró-álcool, possivelmente mais importante do que o Pró-álcool neste momento histórico por conta do protocolo de Quioto e por conta da necessidade que o mundo tem de poluir menos o planeta. Esse biodiesel vai resolver alguns problemas no Brasil, primeiro do semi-árido nordestino, porque vai ser produzido da mamona e vai gerar emprego para aquelas famílias mais pobres do país, vai resolver o problema do Norte do país, porque as pessoas vão poder produzir o biodiesel do dendê e, possivelmente, venha a resolver o problema, aqui do Sul do país, porque quando tiver escala, uma parte desse biodiesel será produzida da soja e, ao invés do povo comer soja transgênica, a gente faz biodiesel da transgênica, que não tem nenhum problema, o carro não vai rejeitar, não tem nenhum problema, e a gente vai comer a soja boa.

Por tudo isso, gente... eu quero me despedir de vocês. Ainda temos alguns meses para governar este país e podem ficar certos, eu digo todo dia, em todo lugar, a única coisa que eu quero, no dia em que eu deixar o mandato, é poder chegar aqui, ou em qualquer outro lugar, e ser tratado como sou tratado hoje, como companheiro. A coisa que me dá mais orgulho não é alguém me chamar de Presidente, tem gente que precisa desse *status*, tem gente que se recusa não ser chamado de Presidente, coloca no protocolo: tem que chamar de Senhor Presidente, Vossa Excelência. Eu sinto mais orgulho de ser chamado de companheiro Lula, é assim que eu prefiro ser chamado neste país.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.